

## O poder da Rússia: Leviatã ou aldeia de Potemkin?

José Pedro Teixeira Fernandes | *Público* | 19 de Abril de 2022

1. A Rússia gera imagens profundamente contraditórias no Ocidente. Qualquer observador atento da guerra na Ucrânia já deu por si a interrogar-se se está perante uma poderosa e perigosa superpotência político-militar (um Leviatã), ou perante um Estado que é frágil em termos económicos e também militares, embora queira parecer forte (uma aldeia de Potemkin).

Ambas as imagens — o Leviatã e a aldeia de Potemkin — têm uma longa história no pensamento ocidental. Desde meados século XVII, após a publicação do influente livro de Thomas Hobbes (*Leviatã*, 1651), esse termo simboliza entidades (políticas) esmagadoramente poderosas. (Hobbes inspirou-se na linguagem bíblica do Antigo Testamento, onde, no Livro de Job, o Leviatã é um monstro marinho e um símbolo do poder de criação de Deus.) Quanto à expressão “aldeia de Potemkin” tem origem na história da Rússia do século XVIII e está directamente ligada à Península da Crimeia. A imperatriz Catarina a Grande visitou-a em 1787, pouco depois dessa “nova Rússia” ter sido conquistada ao Império Otomano. Para a impressionar, o general Grigori Potemkin teria mandado construir aldeias falsas que só existiam de fachada. Este episódio, provavelmente criado pelos detractores de Potemkin, simboliza, em termos políticos, uma actuação destinada a ocultar a realidade.

2. A Rússia de [Vladimir Putin quer reconstituir a União Soviética](#) dissolvida em 1991, ou o império dos czares que colapsou em 1917? Essa é uma convicção que começou a germinar no Ocidente desde a guerra da Geórgia em 2008. Aumentou com [a anexação da Crimeia em 2014](#) e intensificou-se após a invasão da Ucrânia em inícios de 2022. Instalou-se a ideia de que se a Rússia não for travada poderá [levar a guerra a outras partes da Europa, uma vez que pretende refazer o mundo](#) à sua maneira, fazendo ruir a ordem internacional liberal (ocidental). Assim, a [Estónia, a Letónia e a Lituânia](#) — que fizeram parte do Estado soviético até à sua desagregação em 1991— [receiam ser invadidas](#).

Um sentimento de insegurança e [medo similar existe na Polónia, bem como na Eslováquia, na Roménia e na Moldávia](#), esta última fez parte da União Soviética, tal como os Estados Bálticos. Quanto à [Finlândia e à Suécia, foram ameaçadas de ser tratadas como inimigas e de serem colocadas armas nucleares à sua porta](#), se aderirem à NATO. O Presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, tem sido o mais vocal difusor da ideia da ameaça russa à Europa, secundado pelos [governos do Reino Unido e dos EUA](#). Todavia, ao mesmo tempo que é vista como um perigosíssimo inimigo pelo Ocidente, a Rússia é paradoxalmente considerada um *flop* militar.

3. Nos círculos restritos de segurança e defesa ocidentais, a ideia de um poderoso Leviatã que invadiu a Ucrânia e poderá atacar também a Europa a seguir, dá frequentemente lugar a uma imagem radicalmente inversa: a de uma [Rússia como um](#)

“exército de Potemkin”. Tem forças armadas mal preparadas, mal equipadas, pobremente comandadas e inaptas para travar uma guerra convencional moderna. A empresa norte-americana Maxar, que tem fornecido imagens de satélite sobre as movimentações militares russas — e trabalha para o exército dos EUA —, evidenciou as dificuldades logísticas das tropas russas. O website Oryx, criado por Joost Oliemans e Stijn Mitzer, ambos ligados aos meios militares britânicos, o qual tem analisado regularmente as perdas militares de ambos os lados, qualificou recentemente a invasão da Ucrânia como sendo “um desastre militar e económico absoluto” para os russos.

Quanto ao ISR-Institute for the Study of War, fundado por Kimberley Kagan e outros e ligado ao complexo-militar industrial norte-americano, faz análises diárias das operações militares no terreno, sugerindo similares debilidades e falhas russas. Ainda num tom idêntico, o prestigiado economista norte-americano Paul Krugman qualificou a Rússia como uma “superpotência de Potemkin”. Segundo este, desde a invasão da Ucrânia duas coisas tornaram-se claras: “Primeiro, Putin tem delírios de grandeza. Em segundo lugar, a Rússia é ainda mais fraca do que a maioria das pessoas, inclusive eu, parece ter percebido”.

4. Como anteriormente notado, pela leitura das análises militares do Oryx e do ISW, a ideia que fica é a das forças armadas russas terem sido um fiasco, pelo menos até agora. Terão falhado no seu objectivo de conquistar a capital da Ucrânia (Kyiv). Não conseguiram ganhar supremacia total sobre o espaço aéreo ucraniano. A sua logística foi inepta deixando vários contingentes militares e colunas de tanques à deriva, sem reabastecimento adequado. Segundo os cálculos do Oryx, a Rússia terá perdido, quase 20% do número total dos seus tanques e inúmeros veículos blindados. Oito generais russos terão já sido mortos em combate. Pior ainda, o navio almirante da sua frota do Mar Negro, o cruzador Moskva, afundou-se após ter sido atingido por mísseis ucranianos Neptuno, a maior perda de um navio de guerra após a II Guerra Mundial.

No Ocidente, em particular nos EUA e Reino Unido, os sucessos obtidos pelo exército ucraniano contra o inimigo russo geram uma visível satisfação, ainda que usualmente só expressa abertamente nos bastidores. São explicados por anos de treino militar da NATO e pela superioridade tecnológica do armamento fornecido à Ucrânia, que irá aumentar ainda mais. Os mísseis anti-tanque Javelin da Lockheed Martin e os mísseis anti-aéreos portáteis Stinger da Raytheon Missiles & Defense, são a face mais visível dessa superioridade tecnológica. A guerra trouxe nefastas consequências para a generalidade da economia europeia e mundial, mas para a indústria militar — em particular a dos EUA — está a ser um ano excelente.

5. Afinal, a Rússia é muito forte e ameaçadora (um Leviatã), pondo em causa seriamente toda a segurança europeia? Ou é fraca para além da fachada de grande potência (uma aldeia de Potemkin), sendo uma ameaça militar convencional que, embora séria, é bem mais limitada do aparenta? A imagem de uma Rússia forte e poderosa tem sido difundida pelo Governo de Vladimir Putin nos últimos anos. Fá-lo para fins internos (criar um orgulho patriótico à sua volta) e fins externos (para dar a ideia que está num patamar de poder similar ao dos EUA e da China). Usa, para isso, um misto de técnicas de

secretismo e de propaganda combinadas com actuações de política externa agressivas. Em qualquer caso, se o Ocidente enfrenta um poderoso Leviatã — e a Europa, ou partes dela, pode(m) ser o próximo alvo a seguir à Ucrânia —, a ameaça é muito grave e urge agir militarmente em conformidade. No entanto, se a Rússia em termos militares (e económicos) não passa de uma aldeia de Potemkin — como tem sido sugerido nos meios ocidentais —, então é necessário agir sem hiperbolizar o problema. O Ocidente oscila entre estas duas imagens extremas de sinal contrário da Rússia, o que é altamente problemático.

Uma representação incoerente e contraditória do poder russo aumenta o risco de uma actuação política errada, seja por subavaliar a ameaça, ou por de lhe atribuir um grau de gravidade que não tem. Nesta altura, a questão mais crítica é a do tipo e quantidade de armamento a fornecer à Ucrânia, pois sem essa ajuda ocidental não terá meios para continuar a defender-se da invasão russa. Mas levanta um delicado problema para a NATO, pois ao tentar fazer chegar essas armas onde são necessárias no território ucraniano, pode abrir um confronto directo com a Rússia. Para além disso, se a Rússia é o “exército de Potemkin” que muitos dizem no Ocidente, há ainda o risco de a empurrar para o uso de armas nucleares, como forma de compensar perdas militares desastrosas. Enviar em massa sofisticadas armas para o conflito contém, por isso, riscos graves: em vez de levar à queda de Vladimir Putin como desejado no Ocidente, poderá abrir a engrenagem da catástrofe nuclear.

<https://www.publico.pt/2022/04/19/mundo/analise/russia-leviata-aldeia-potemkin-2003086>